

DATA LUTA



BOLETIM DATA LUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, fevereiro de 2009, número 14. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATA LUTA

Tentativas de enquadramento do MST e as perspectivas da reforma agrária

ARTIGO DO MÊS

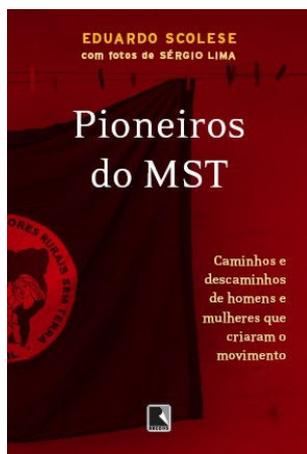
MST: 25 anos de teimosia

www.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php

EVENTOS

- XII Encuentro de Geógrafos de América Latina
Montevideo (Universidad de la República), 3 a 7 de abril de 2009
- “Capital Connections – Nation, Terroir, Territoire”
Ottawa, Carleton University, May 27 - 29, 2009
- II Simpósio Nacional “O Rural e o Urbano no Brasil”
Rio de Janeiro (UERJ), 27 a 29 de maio de 2009
- IV SEET - Seminário Estadual de Estudos Territoriais - Grupo de Estudos Territoriais
Francisco Beltrão, UNIOESTE, 27 a 30 de maio de 2009
- XXVIII Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA),
Rio de Janeiro (PUC), 11 a 14 de junho de 2009

PUBLICAÇÃO



Pioneiros da Terra – Caminhos e descaminhos de homens e mulheres que criaram o movimento

Odiado por uns e admirado por outros, o **MST** nasceu em 1984, elegeu sua primeira direção no ano seguinte, pôs o tema da reforma agrária na mídia, nos governos e nas disputas eleitorais, e se transformou num dos principais atores políticos do país.

APOIO

Elaborado por Tomás Sombini Druzian e Rubens dos Santos Romão de Souza. Pesquisadoras do NERA – Bolsistas Ciência na Unesp.

Leia outros números do BOLETIM DATA LUTA em www.fct.unesp.br/nera

TENTATIVAS DE ENQUADRAMENTO DO MST E AS PERSPECTIVAS DA REFORMA AGRÁRIA

Bernardo Mançano Fernandes

Coordenador do NERA

Pesquisador do CNPq

www.fct.unesp.br/nera

Em janeiro de 2009, o MST completou oficialmente 25 anos. Se considerarmos as lutas que o originaram nos anos 1978/79, o Movimento completando 30 anos. O MST tornou-se paradigmático por pelo menos três razões: 1) seu intenso processo de territorialização; 2) sua forma híbrida de organização 3) sua identidade que recebe admiração e ódio. Em 30 anos, o MST tornou-se a organização camponesa mais ativa do Brasil. Por sua estrutura complexa de organização, atua em várias dimensões do desenvolvimento, com destaque para a educação, produção, saúde e formação política. Sua identidade foi construída tomando como referências a prática da luta e a reflexão crítica de pensadores universais que contestam a ordem capitalista. Por essa razão muitos admiram o MST, por sua resistência às tentativas de enquadramento ao sistema capitalista, enquanto outros o odeiam, exatamente, porque não conseguem enquadrá-lo.

O enquadramento do MST ao sistema capitalista significa a sua destruição, porque o enquadramento não permite a sua reprodução. A criação da política de reforma agrária de mercado foi uma tentativa de enquadramento. Que não deu certo. Enquadrar o MST significa mantê-lo sob o controle do mercado capitalista. E neste sentido, o MST é rebelde. Há muitos caminhos políticos que não passam por este mercado. Inclusive este mercado não vive da “economia de mercado”, mas da economia política. O MST atua no campo da democracia em que a política é o caminho da liberdade, da contestação aos poderes de dominação consolidados. A política é o caminho da transformação, do enfrentamento como as forças que tentam controlar os territórios, as relações, as pessoas.

Por meio da ocupação de terra, o MST mantém a pauta política da reforma agrária, acompanhado de outros movimentos. Essa forma de luta pela terra possibilitou o protagonismo da população excluída do sistema em que muitos querem que o MST seja enquadrado. Este enquadramento significa eliminar o protagonismo e manter controlados os precariamente incluídos e os excluídos. De fato, esta condição elimina a possibilidade de transformação das realidades desde esses movimentos. Enquadrar significa acabar com as ações não aprovadas pelo capitalismo. Todavia, o capitalismo não é a totalidade: é somente o sistema político dominante. A reforma agrária brasileira é muito mais resultado das ocupações de terra do que de políticas do sistema dominante.

Afirmar que a reforma agrária perdeu a relevância é desconhecer o atual momento histórico. A produção de alimentos de qualidade que garantam a soberania alimentar está

diretamente relacionada com uma ampla política de reforma agrária. Esta é uma perspectiva de política de desenvolvimento. Outra perspectiva é a de nos subordinarmos à produção monocultora de grande escala com uso intenso de venenos pelo agronegócio. As pessoas podem optar pelas políticas porque são livres, por garantia constitucional. Produzir alimentos saudáveis está se tornando um desafio para todos. Defender a comida que comemos está muito próximo da defesa da nossa terra, portanto na nossa liberdade. Esta é uma das grandes perspectivas das organizações camponesas.